



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEF
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

GUSTAVO IGOR MENEZES MENDES

**ESPORTES PARALÍMPICOS NA ESCOLA:
POSSIBILIDADES PARA O TRATO PEDAGÓGICO**

CAMPINA GRANDE - PB

2019

GUSTAVO IGOR MENEZES MENDES

**ESPORTES PARALÍMPICOS NA ESCOLA:
POSSIBILIDADES PARA O TRATO PEDAGÓGICO**

Relato de experiência apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elaine Melo de Brito Costa

CAMPINA GRANDE - PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M538e Mendes, Gustavo Igor Menezes.
Esportes paralímpicos na escola [manuscrito] :
Possibilidades para o trato pedagógico / Gustavo Igor Menezes
Mendes. - 2019.
55 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro
de Ciências Biológicas e da Saúde, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Elaine Melo de Brito Costa ,
Departamento de Educação Física - CCBS."
1. Educação Física escolar. 2. Esporte Paralímpico. 3.
Estágio supervisionado. 4. Inclusão social. I. Título
21. ed. CDD 372.86

GUSTAVO IGOR MENEZES MENDES

**ESPORTES PARALÍMPICOS NA ESCOLA:
POSSIBILIDADES PARA O TRATO PEDAGÓGICO**

Relato de experiência apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em Educação Física.

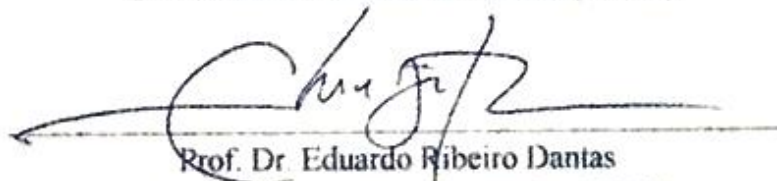
Área de concentração: Educação.

Aprovado em: 05/12/2019.

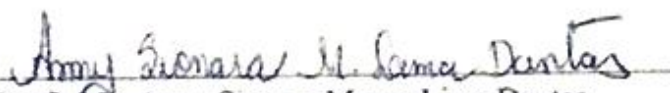
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Elaine Melo de Brito Costa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Eduardo Ribeiro Dantas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a M^e. Anny Stonara Moura Lima Dantas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus e a sua virgem mãe, por sempre me conduzirem pelos caminhos certos me fazendo entender que tudo tem seu tempo exato para acontecer.

Ao meu pai José Mendes (Waldir), e a minha mãe Nize Menezes pelo empenho de uma vida toda me incentivando sempre a ser uma pessoa melhor, sem medir esforços para que através dos estudos eu trilhasse um caminho para um futuro decente e honesto.

Aos meus tios(as) Aldo Menezes, Alba Menezes e Aldenise Menezes, pela motivação que me deram durante esse período, me fazendo seguir em frente quando pensei em desistir.

À minha avó (*in memoriam*), essa conquista também é dela, gostaria muito que viva estivesse para que pudesse ver seu neto formado.

Ao meu avô Manoel Barros (Seu Hagá), por tudo que fez e faz por minha família, pelo modelo de homem que tento seguir. Tenho orgulho em ser seu neto, e dizer que através da sua luta desde pequeno, hoje nossa família tem a primeira pessoa formada.

À minha família em Cristo “Luz do Espírito Santo” por toda a força compartilhada, especialmente minha irmã mais velha Alydiane (Lihh) por me escutar e me ajudar em vários momentos em que pensei não dar conta de tudo.

À minha tia de coração Corrinha e suas filhas Ivila e Isabelle, por todo o apoio.

À minha amiga Larissa, por dividir o peso do TCC comigo em vários momentos fazendo essa etapa final se tornar mais leve e engraçada.

À minha amiga Lorena Monteiro por me escutar durante esse ano difícil, me aconselhando e dividindo o peso dos problemas comigo.

Aos meus amigos Ávilles Lopes, Rafael Gomes, Matheus Rarara, Bruna Candida, Bruna Batista, por serem de fato verdadeiros amigos.

À minha amiga Lorena Lima, por compartilhar as alegrias e tristezas durante a graduação e junto com sua pequena Giovana me apoiar nessa fase final.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

À minha orientadora Elaine Melo pelas orientações precisas e por sua competência.

Aos amigos Danilo, Klebia, Eduardo e David por toda ajuda e apoio.

À minha equipe “Judô UEPB” por sempre ensinar que o importante é levantar.

RESUMO

O trato do esporte na escola pode e deve está entrelaçado à construção de valores como solidariedade, ética, dentre outros. Sendo um canal para a modificação do conhecimento do e pelo corpo. Neste cenário, o Esporte Paralímpico é elencado como um segmento importante para que seja estabelecido diálogos sobre as problemáticas sociais, as questões de igualdade, de condições físicas e de adaptação social, porém, ainda é pouco trabalhado na Educação Física escolar. O objetivo do presente trabalho é apresentar possibilidades pedagógicas aos professores de Educação Física escolar, destacando as potencialidades e fragilidades da experiência, a partir da descrição da vivência com o ensino de esportes paralímpicos. Este trabalho trata-se de um relato de experiência vivenciado no estágio supervisionado IV do curso de licenciatura em Educação Física, envolvendo cerca de 20 alunos do ensino básico. Para estudo e discussão dos dados, contamos com o relatório dos estágio e caderno de campo com observação dos participantes, foi possível constatar a visão que os alunos tem em relação ao corpo da pessoa com deficiência. Como resultados ainda foi possível concluir a importância do planejamento, do uso da tecnologia como ferramenta metodológica, da exposição de informações por parte de profissionais que trabalham com determinada deficiência, além de constatar a importância do professor de Educação Física em todo esse processo, utilizando de metodologias e vivências que proporcionam esclarecimento sobre as diferenças, sendo dessa forma mediador no processo de aprendizagem inclusivo que o Esporte Paralímpico oferece.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Esporte Paralímpico; Estágio Supervisionado; Inclusão.

ABSTRACT

The treatment of sports in school can and should be intertwined with the construction of values such as solidarity, ethics, among others. Being a channel for the modification of knowledge of and by the body. In this scenario, Paralympic Sport is listed as an important segment for establishing dialogues on social issues, issues of equality, physical conditions and social adaptation, however, is still little worked on in Physical Education. The objective of the present work is to present pedagogical possibilities to the Physical Education teachers, highlighting the potentials and weaknesses of the experience, from the description of the experience with the teaching of paralympic sports. This paper is an experience report of supervised internship IV of the Physical Education undergraduate course, involving about 20 elementary students. For study and discussion of data, we had the report of the internship and field notebook with observation of the participants, it was possible to see the view that students have in relation to the body of people with disabilities. As a result it was possible to conclude the importance of planning , the use of technology as a methodological tool, the exposure of information by professionals who work with a certain disability, and to note the importance of the Physical Education teacher throughout this process, using methodologies and experiences that provide clarification on differences, thus mediating in the inclusive learning process that Paralympic Sport offers.

KEYWORDS: Physical Education; Paralympic sport; Supervised internship; Inclusion.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	07
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	09
2.1	Adentrando ao Universo Paralímpico: Aspectos Históricos.....	09
2.2	Esporte, Deficiência e a Educação Física Escolar.....	17
3	CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO...	22
4	DESCREVENDO A EXPERIÊNCIA.....	25
4.1	Um mundo deficiente -Aula 01.....	28
4.2	A inclusão pede entrada-Aula 02.....	31
4.3	A realidade de perto-Aula 03.....	37
4.4	Mãos à obra -Aula 04.....	42
4.5	Uma vivência enriquecedora- Aula 05.....	45
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
	REFERÊNCIAS.....	52

1. INTRODUÇÃO

De acordo com a Constituição da República Federativa do Brasil (1988) toda pessoa, tem direito a educação. Nesse meio encontram-se também as pessoas com deficiência física, as quais tem direito expresso na Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional, LDB nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, em seu artigo 4º, inciso III que diz: “[...] atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino”.

Os alunos com algum tipo de deficiência menos severa que não comprometem seu cognitivo raramente frequentam uma escola especializada tendo em vista que sua capacidade de aprender segue normalmente sem a necessidade de um apoio de uma escola especializada, como afirma Brasil (2011), a grande maioria frequenta a chamada escola regular, os ensinos fundamental e médio. Infelizmente, em muitos os casos, o aluno com algum tipo de deficiência é dispensado da aula de Educação Física, pois, os professores (não generalizando) preferem na maioria das circunstâncias não “correr riscos”, dessa forma não promovendo a inclusão, deixando esse aluno excluído de suas aulas, ou simplesmente passando um trabalho complementar para o mesmo.

O trabalho ora apresentado trata-se de uma relato de experiência, caracterizado pela prática de ensino dos esportes paralímpicos em aulas de Educação Física escolar.

A vivência foi possibilitada pelo Estágio Supervisionado IV, do curso de licenciatura em Educação Física, onde a proposta de intervenção teve como ponto de partida a elaboração de um projeto educativo com o título “ Esportes Paralímpicos nas aulas de Educação Física: Compartilhando experiências pedagógicas do estágio supervisionado”. Tendo como objetivo possibilitar reflexões sobre pessoas com deficiências para além do contexto escolar, ampliar o repertório de conhecimento dos alunos sobre jogos paralímpicos e oportunizar vivências em torno dos esportes adaptados potencializando seus valores.

O projeto esteve alinhado, parcialmente à BNCC, considerando que este documento norteador não explicita os esportes paralímpicos, no entanto, o trabalho compreende que ao apontar os esportes de invasão, de rede, dentre outros, os esportes paralímpicos estão aí inseridos.

De acordo com a BNCC (2017), o esporte pode ser considerado como uma das práticas corporais mais conhecidas da contemporaneidade, pela presença do mesmo nos meios de comunicação, regido por um conjunto de regras formais, caracterizando-se pela disputa entre indivíduos ou grupos, sendo regido por organizações que definem as regras, normas de disputa e organizam competições. Mas não estando preso a um único significado, tendo vários contextos sociais, de lazer, saúde e educação, sendo totalmente legível a recreação por aqueles que o praticam e se envolvem.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a partir do 6º ano do ensino fundamental, é previsto que os alunos possam ter acesso a conhecimentos mais aprofundados das práticas corporais, como também a realização das mesmas em contextos de lazer e saúde, não se restringindo apenas ao ambiente escolar. Ainda segundo a BNCC na unidade temática Esportes, os objetos do conhecimento são os Esportes de marca, de precisão, de invasão e os técnico-combinatórios tendo como habilidades a experimentação e valorização do trabalho coletivo e do protagonismo, a prática de um ou mais esportes oferecidos pela escola, usando habilidades técnico-táticas básicas e respeitando regras, o planejamento e utilização de estratégias para solucionar os desafios técnicos e táticos, a análise das transformações na organização e na prática dos esportes em suas diferentes manifestações, e a proposta de produção de alternativas para experimentação dos esportes não disponíveis.

Em relação ao Esporte Paralímpico o CONFEF- Conselho Federal de Educação Física (2014), recomenda que a Educação Física escolar dissemine conhecimento acerca dos aspectos históricos, geográficos do paradesporto enquanto elemento da cultura humana, além de observar as limitações físicas e intelectuais das pessoas com deficiência para assim dar novos significados as práticas esportivas.

Os Referenciais Curriculares do Estado da Paraíba (2010), na sua área destinada a Educação Física, ressalta que um dos vários objetivos da Educação Física é dar oportunidade aos alunos com deficiência terem acesso ao patrimônio cultural esportivo clássico e de lazer, imprescindível à vida humana com dignidade, e sugere os esportes adaptados como forma de trabalhar as temáticas relacionadas a diversidade. Ainda aponta que independente de haver ou não alunos com deficiência nas aulas, os professores podem propiciar a vivência dessas experiências tendo em vista que é extremamente importante esses momentos para que seja estabelecido diálogo sobre as problemáticas sociais a questões de igualdade, de condições físicas e de adaptação social.

Mas, o trabalho compreende que o esporte paralímpico não pode também ser reduzido ou somente ser tratado pela ótica da inclusão e de superação. Pois, assim como outros esportes também possuem suas organizações técnica e de alto rendimento.

Outros debates sobre o esporte paralímpico como conteúdos da Educação Física escolar, ou seja, a apropriação destes não deve ser restrita à pessoas com deficiência.

Uma vez que são escassos os estudos que se dispõem a investigar o Esporte Paralímpico na escola, esse trabalho se torna relevante pelo fato de poder esclarecer as relações existentes entre o Esporte Paralímpico a deficiência e a não deficiência física no contexto escolar. De modo que pretende investigar de que maneira o Esporte Paralímpico é recebido na escola, quais as dificuldades encontradas nesse processo, e indicar possíveis metodologias e caminhos a se seguir .

O trabalho trata-se de um relato de experiência e está estruturado em três eixos principais que o fundamentam, estão assim distribuídos:

- Eixo 1 – Refere-se a parte histórica do movimento paralímpico observando seu surgimento e sua chegada ao Brasil por diversos autores, e também diferentes pontos de vista de fatos históricos. Trazendo também informações sobre as entidades que regem o esporte paralímpico e dados sobre participação, número de medalhas, entre outros;

- Eixo 2 – Destina-se a diferenciação do esporte adaptado e o Esporte Paralímpico, incluindo as diferentes manifestações, algumas sugestões metodológicas, a importância da inclusão, de ser trabalhado em sala de aula e os benefícios do esporte para o aluno com e sem deficiência;

- Eixo 3 – Trata-se da descrição da vivência do estágio IV do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) realizado numa escola municipal da cidade de Campina Grande-PB, apresentando à prática de ensino do Esporte Paralímpico em uma turma do 6º ano do ensino básico.

O objetivo geral deste trabalho é descrever a vivência com o ensino de esportes paralímpicos de forma a apresentar possibilidades pedagógicas aos professores de Educação Física escolar, destacando as potencialidades e fragilidades da experiência.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. ADENTRANDO AO UNIVERSO PARALÍMPICO: ASPECTOS HISTÓRICOS

Os indícios do esporte praticado por pessoas com deficiência não são novos, como afirma Greguol e Costa (2013), a prática dessas atividades vem desde a Grécia antiga e há mais de 3 mil anos atrás com finalidade terapêuticas já era praticado na China. Mas o esporte “moderno” mais ou menos como conhecemos nos dias atuais teve início no ano de 1948, final do século XIX e começo do século XX, onde deficientes auditivos competiam entre si e tinham sua própria federação e competição com dimensões de abrangência mundiais, e alguns anos à frente na Inglaterra seria fundado a Associação de Jogadores de Golfe de um Só Braço (British Society of One-Armed Golfers).

De acordo com (Brittain, 2010. Apud. DePauwn & Gavron, 1995), o mesmo foi fundado em 1932, para um grupo com uma deficiência específica. Em 1924 foi criada por E. Runens Alcais o Comitê Internacional de Esporte de Surdos (Comité International des Sport des Sourds – CISS), em torno do esporte como prática sistematizada teve sua origem após a II Guerra mundial, na Inglaterra.

Além do movimento dos deficientes auditivos são datados também competições entre pessoas cegas e amputadas, ambas com relato no início do século XX, foi exatamente nesse momento da história onde o movimento paralímpico teve início. Mas ainda assim o esporte para pessoas com deficiência ainda não havia se consolidado, não haviam eventos de grande porte nem muita difusão como um todo, sendo consolidado apenas na segunda metade do século XX, dessa forma, possibilitando a criação de um evento que no futuro seria chamado de Jogos Paralímpicos.

Devido ao início da segunda guerra mundial e a perseguição aos judeus por parte dos alemães, o neurocirurgião alemão Ludwig Guttman fugiu da Alemanha nesse mesmo ano, com destino a Inglaterra onde estabeleceu morada e deu início a pesquisas sobre o sistema nervoso periférico em Oxford e de acordo com (Mello e Winckler, 2012) no ano de 1944 começou a trabalhar na Unidade de Lesões Medulares de Stoke Mandeville, em Aylesbury, e usar o esporte como parte da reabilitação dos pacientes.

Nesse momento da história Mello e Winckler (2012), comentam que a Inglaterra passava por um momento complicado onde um grande número de soldados e combatentes estavam morrendo em campo de batalha, e muitos voltavam com lesões graves, 80% dessa pessoas vinham a óbito durante a reabilitação.

Tentando melhorar a qualidade de vida e as condições psicológicas dos combatentes lesionados Guttman começou a incentivar e introduzir essas pessoas ao esporte, algumas atividades eram praticadas em Stoke Mandeville, dentre elas o tiro com arco, polo e Netball em cadeiras de rodas, jogo estilo o basquete mas com ausência de tabela (MELLO e WINCKLE, 2012 apud SCRUTON, 2008).

De acordo com Mello e Winckle (2012), apud Bailey (2008), no âmbito hospitalar um meio de motivação para pessoas com lesão medular e outras deficiências similares são as atividades competitivas, também como forma integrativas das mesmas, através do esporte.

A prática de atividades competitivas pelas pessoas com lesão medular e outras deficiências similares servia como elemento motivador para que elas buscassem uma integração com o ambiente hospitalar.

Os primeiros Jogos Desportivos de Stoke Mandeville aconteceram ao mesmo tempo que a abertura dos Jogos Olímpicos de Verão sediados em Londres no ano de 1948, nessa ocasião Guttman chegou a dizer que com esses jogos as “pessoas deficientes” estavam vivenciando o que seria equivalente aos Jogos Olímpicos. “A primeira competição para atletas com deficiência ocorreu em 1948. O evento, denominado Jogos Desportivos de Stoke Mandeville, foi organizado por Dr. Gutymann, paralelo aos XIV Jogos Olímpicos de Verão que estavam ocorrendo em Londres” (SCARPA, Marcos.2008. p.30).

QUADRO 1 – Cronologia dos primeiros jogos de Stoke Mandeville (1948 – 1959)

Data	Equipes	Competidores	Esportes
29/07/1948	2*	16	1
29/07/1948	6*	37	2
27/07/1950	10*	61	3
28/07/1951	11*	126	4
26/07/1952	2	130	5
08/08/1953	6	200	6
31/07/1954	14	250	7
29-30/07/1955	18	280	8
27-28/07/1956	18	300	8
26-27/07/1957	24	360	9
24-26/07/1958	21	350	10
23-25/07/1959	20	360	11

*Equipes oriundas de diferentes hospitais
Fonte: Brittain 2010. P.10.

A fama do Dr. Ludwing e suas terapias alimentavam cada vez mais pela Europa, devido ao grande número de pessoas que obteram traumas físicos, adquirindo assim algum tipo de deficiência na segunda guerra mundial, dessa maneira centros semelhantes ao Centro Nacional de Lesionados Medulares de Stoke Mandeville surgiram por todo o continente, os americanos começaram a atrelar a idéia do esporte as pessoas com algum tipo de deficiência.

Formaram a equipe de basquete “Rodas Voadoras”, composta por ex-combatentes de guerra. A equipe realizou apresentações de jogos por todo o país, despertando a atenção das pessoas para a questão da pessoa com deficiência. O movimento desencadeou ações que culminaram com a fundação do Programa de Reabilitação Desportiva do Governo Americano (SCARPA, Marcus. 2008. p.31).

No ano de 1946 nos Estados Unidos da America estavam sendo realizados os primeiros movimentos do basquete em cadeiras de rodas, as competições aconteciam entre vários hospitais e associações de veteranos de guerra, já em 1952 acontecia os primeiros jogos internacionais de Stoke Mandeville, onde dois países participaram.

Foi no ano de 1960 que a visão internacional do esporte começou a se ampliar dando assim um grande impulso para o que viria no futuro.

A primeira grande competição ocorreu em 1960.O evento, denominado Olimpíadas para Portadores de deficiência, ocorreu na cidade de Roma, na Itália, nas instalações da XVI Olimpíada, que acabara de acontecer.Participaram da competição cerca de 400 atletas de 23 países. A partir de então o evento passou a se chamar Paraolimpíadas, que significa “paralelo às Olimpíadas” (SCARPA, Marcus.2008. p.31).

De acordo com Mello e Winckler (2012), nessa edição que passou a ser considerada posteriormente como os Primeiros Jogos Paralímpicos, foram praticadas e disputadas as seguintes modalidades: Sinuca, Esgrima, Atletismo, Basquete em cadeiras de rodas, Dardo, Natação, Tênis de Mesa, Tiro com Arco e Pentatlo.

Os autores Mello e Winckle (2012), apud Bailey, 2008 afirmam que no ano de 1964 aconteceu mais uma edição dos jogos, dessa vez no Japão tendo como sede a cidade de Tóquio, nesse ano a imprensa do país batizou o evento como Paralímpias, mas, Guttman nomeou o evento como 13º Jogos Internacionais de Stoke Mandeville ou Jogos de Tóquio para os Paralisados. O evento só foi chamado oficialmente de Jogos Paralímpicos no ano de 1988 na edição dos jogos realizados em Seul, Coreia do Sul.

O ano de 1976 se tornou um marco, pois, nos jogos realizados em Toronto (Canadá) atletas cegos e com paralisia cerebral foram inclusos, até o ano de 1972 apenas lesados medulares participavam dos jogos.

Avançando no tempo chegamos ao período entre os anos de 1960 e 1980 que são caracterizados pelo crescimento significativo do movimento paralímpico, mas ainda de forma isolada e voltada para o âmbito médico, esse quadro começou mudar quando com a participação de diversas deficiências se viu a necessidade da criação de uma entidade que pudesse organizar os jogos. Dessa maneira em 1982 é criada a International Coordinating Committee- ICC (Comissão Internacional de Coordenação) que em 1984 teve seu nome mudado para International Co-ordinating Committee of World Sports Organization for the Disabled (Comitê Internacional de Coordenação de Organizações Esportivas Mundiais para Deficientes), foi nesse momento que o movimento paralímpico se estabeleceu (IPC, 2010).

A edição dos jogos de Seul que aconteceu em 1988 foi um ponto de virada para o movimento paralímpico, pois, foi nesses jogos onde foi oferecido uma boa estrutura física e também boas condições aos atletas, dessa maneira gerando uma melhor participação dos mesmos (Mello e Winckle, 2012).

Um ano após os jogos de Seul a pressão dos países que faziam parte do ICC começou a aumentar, eles pediam por algo que os representassem de forma mais intensa e com essa pressão, em 1989, foi fundado o International Paralympic Committee – IPC (Comitê Paralímpico Internacional), em Brugge, na Bélgica. Após os jogos de Barcelona em 1992 o IPC passou a substituir o ICC e em 1999 estabeleceu sede permanente em Bonn, na Alemanha.

O IPC é a entidade que gerencia o Movimento Paralímpico em nível global, organizando os Jogos Paralímpicos de Verão e Inverno e atuando como federação internacional de 9 esportes - esportes que não são de uma área de deficiência específica e que tampouco tem uma federação própria. São eles: atletismo, ski alpino, biatlo, natação, tiro esportivo, halterofilismo, dança em cadeira de rodas, hóquei no gelo e ski crosscountry (MIRANDA, Tatiane. 2011. p.28).

A partir do ano de 2008 segundo afirmam Mello e Winckle (2012), os Jogos Olímpicos e Paralímpicos começaram a ter sua organização partilhada. A cidade sede passou a ter a obrigação de organizar ambos os eventos, partilhando o uso dos equipamentos, e planejando ações para ambas as competições. Esse acordo foi assinado no ano de 2002 pelo COI e pelo IPC e permanece vigente até os dias atuais.

O início do esporte paralímpico no Brasil está associado diretamente a iniciativa de duas pessoas, que devido a acidentes acabaram ficando deficientes físicos e buscaram terapias para reabilitação nos Estados Unidos. Ao retornarem da América do Norte os Srs. Robson Almeida, que morava no Rio de Janeiro e Sérgio Seraphin Del Grande, de São Paulo deram

início ao movimento paralímpico Brasileiro. A baixo temos um quadro com o objetivo de melhor entendimento dos fatos históricos mais importantes para o esporte paralímpico brasileiro.

QUADRO 2- Os principais fatos históricos do esporte paralímpico brasileiro

ANO	ACONTECIMENTO
1958	No dia 01 de Abril Robson Sampaio de Almeida juntamente com Aldo Miccolis criam o Clube do Otimismo, na cidade do Rio de Janeiro. Já no dia 28 de julho Sérgio Seraphin Del Grande cria o Clube dos Paraplégicos de São Paulo.
1959	No ginásio do Maracanãzinho ocorreu o primeiro jogo de basquetebol em cadeira de rodas do país.
1960	O Clube dos Paraplégicos de São Paulo participou do 1º Campeonato Mundial, em Roma.
1969	Primeira participação do Brasil em uma competição internacional do movimento paralímpico: os II Jogos Parapanamericanos de Buenos Aires, na Argentina.
1972	Primeira participação nos Jogos Paralímpicos se deu em Heidelberg. A delegação brasileira foi competir o Basquete em cadeiras de rodas mas acabou estreando com a modalidade da bocha, modalidade na qual não conquistou medalhas. No Basquete o Brasil conseguiu a quarta colocação teve o atleta Cláudio Araújo (Classe 4) escolhido como melhor jogador do mundo dentro da sua classificação.

1975	Participação nos Jogos Panamericanos para pessoas com deficiência física no México. O Brasil foi representado por duas delegações e por esse motivo no dia 18 de agosto desse mesmo ano foi criada a Associação Nacional de Desporto de Excepcionais, atual Associação Nacional de Desporto de Deficientes (ANDE).
1976	Jogos de Toronto, o Brasil teve suas duas primeiras representantes femininas: Maria Alvares (Atletismo) e Beatriz Siqueira (Lawn Bowls) nesse mesmo ano o Brasil conquista sua primeira medalha paralímpica, sendo ela de prata na Lawn Bowls na categoria de duplas com Robson Sampaio de Almeida e Luís Carlos de Costa.
1978	O país realizou pela primeira vez uma edição (a quinta edição) dos Jogos Pan-Americanos em Cadeira de Rodas, no Rio de Janeiro.
1982	Criação de entidades diretivas do desporto adaptado especificado por categorias.
1984	Delegação brasileira teve atletas de diferentes grupos de deficiência, a exemplo de amputados, paralisados cerebrais, cadeirantes e atletas com deficiência visual; 1º medalha de ouro com Maria Ferraz no Aremesso de peso Classe 1ª, Marcia Malsar nos 200 metros Classe C6, Luis Claudio Pereira no Aremesso de peso e no Lançamento de Disco classe 1C, Amintas Pereira no Disco e Peso feminino Classe 1C e Maria Jussara Matos no 4x50 metros Medley Classe 6, todas na parte do evento realizada na Inglaterra.
1995	Criação do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) no dia 9 de Fevereiro na cidade de Niterói, sendo João Batista de Carvalho e Silva o seu primeiro presidente
2016	Brasil foi país sede da Paralípiada, e conquistou seu melhor desempenho na competição, obtendo 72 medalhas, e ficando com 8º lugar no quadro de medalhas com 14 de ouro, 29 de prata e 29 de bronze.

Fontes: Fernandes (2019), Mello e Winckler (2012) e Araújo (2011).

QUADRO 3 – Participação do Brasil nos Jogos Paralímpicos

Local	País	Ano	Total de medalhas	Posição no ranking	Número de atletas
Roma	Itália	1960	Não participou		
Tóquio	Japão	1964			
Tel Aviv	Israel	1968			
Heidelberg	Alemanha	1972	0	-	8
Toronto	Canadá	1976	1	31	23
Amhem	Países Baixos	1980	0	-	2
Stoke Mandeville /Nova Iorque	Reino Unido /EUA	1984	28	24	30
Seul	Coreia do Sul	1988	27	25	59
Barcelona	Espanha	1992	7	27	41
Atlanta	EUA	1996	21	37	60
Sydney	Austrália	2000	22	24	64
Atenas	Grécia	2004	33	14	96
Pequim	China	2008	47	9	187
Londres	Reino Unido	2012	43	7	181
Rio de Janeiro	Brasil	2016	72	8	287

Fonte: Comitê Paralímpico Internacional (IPC), 2018

Diante de todas essas informações e fatos históricos podemos compreender de fato como o movimento paralímpico surgiu, seus princípios, conceitos e peculiaridades, podendo agora adentrar no assunto decorrente ao Esporte Paralímpico como parte de conteúdo da Educação Física “Esportes”, focando na deficiência dentro das aulas de Educação Física na escolar.

2.2. ESPORTE, DEFICIÊNCIA E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Primeiramente torna-se extremamente necessário caracterizar o Esporte Adaptado e o Esporte Paralímpico tendo em vista que ambos tem diferenças significativas que na maioria das vezes são desconhecidas das pessoas, fato totalmente normal devido a baixa quantidade de informação acerca do assunto aqui debatido. No quadro a baixo temos informações retiradas de Fernades (2019), citando Araújo (2006), Gorgatti e Gorgatti (2005), Munster e Almeida (2005), e IPC (2014), que caracterizam essas duas classificações do Esporte

ESPORTE ADAPTADO	ESPORTE PARALÍMPICO
Permanece em sua essência;	Alto rendimento;
Adaptações nas regras para que pessoas com deficiência possam praticar;	Nem todas as pessoas com algum tipo de deficiência podem fazer parte do evento;
Vai ao encontro das necessidades de pessoas com algum tipo de deficiência	Cada modalidade apresenta um sistema de classificação esportiva diferente;
Adaptações no espaço físico, nos materiais, nos equipamentos e nas metodologias de ensino.	Classificação de acordo com as habilidades funcionais que afetam o desempenho da performance esportiva.

Fonte: FERNANDES, Flávia. 2019. p.44-51.

Havendo diferenciado o Esporte Adaptado do Esporte Paralímpico podemos adentrar no conteúdo Esportes da Educação Física escolar, onde, também se faz necessário diferenciar bem o esporte “da” escola do esporte “na” escola, de forma a poder se trabalhar um esporte que não tem como objetivo principal a competição mas sim a cooperatividade, o jogar a dois, o ajudar o companheiro.

Na escola, é preciso resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual, defendem o compromisso da solidariedade e respeito humano, a compreensão de que jogo se faz “a dois”, e de que é diferente jogar “com” o companheiro e jogar “contra” o adversário (COLETIVO DE AUTORES.2012. p.70).

Segundo o Coletivo de Autores (2012), o esporte é uma prática social que usa de temas lúdicos da cultura corporal, se projetando de forma complexa no âmbito da sociedade que o cria e pratica, usando para isso códigos, sentidos e significados atrelados por essa determinada sociedade. Dessa forma tem que ser analisado nos seus mais variados aspectos

para que assim seja determinado a forma a ser abordado pedagogicamente usando como caminho o esporte “da” escola.

Ainda sobre os esportes como afirma o Coletivo de Autores (2012), é de suma importância frisar que ele deve ser ofertado na escola de maneira a ser desmitificado, através, de conhecimentos que devem ser passados aos alunos. Conhecimentos esses que permitam ao alunado fazer críticas ao movimento esportivo dentro de contextos socioeconômicos, políticos e culturais, promovendo dessa maneira a compreensão de que a prática esportiva deve vir agregada de valores e normas que assegurem o direito à prática dos esportes a todos.

Não estamos, com isso, defendendo que sejam negados os conhecimentos técnicos e táticos aos alunos, e sim, que não sejam oferecidos somente eles; que sejam oportunizados aos alunos conhecimentos para desmistificar esse fenômeno social no contexto socioeconômico-político-cultural. Nessa perspectiva, devem ser ofertados aos alunos desde os jogos que possuem regras simples até os esportes, que possuem regras institucionalizadas (REFERENCIAIS CURRICULARES DO ESTADO DA PARAÍBA, 2010).

Tendo em vista o que foi falado nos últimos dois parágrafos podemos ressaltar a importância de se criar um olhar crítico nos alunos, fazendo-os observar dessa maneira a prática dos esportes pelo ponto de vista da cooperatividade, onde todos participam e se ajudam mutuamente, colocando os valores acima da competitividade. O professor nesse contexto tem um papel muito importante ao poder utilizar dessas informações passadas para a conscientização, fazendo os alunos entenderem a importância de se incluir também as pessoas com algum tipo de deficiência em suas práticas esportivas seja elas dentro ou fora da escola.

A inserção da pessoa com deficiência num ambiente como esse possibilita construções e ressignificações que podem tanto facilitar a sua inclusão, como dificultá-la. Tudo depende dos valores que serão associados ao esporte, como, por exemplo, ao ser praticado simplesmente para obter a vitória a qualquer custo, o que pode aumentar a sensação de exclusão do indivíduo, quando ele não vencer (MELLO, Marcos e WICKLER, Ciro. 2012. p.17).

O esporte se manifesta de várias maneiras e formas e segundo Mello e Wickler (2012), pode também ser visto através de diferentes ângulos, que constituem essas diferentes formas de manifestação, que são elas: Esporte Saúde, Esporte Lazer, Esporte de Rendimento e Esporte Educacional.

Cada forma de manifestação em particular enfatiza mais fortemente sua área específica do saber. O Esporte Saúde foca no exercício físico como forma de terapia, o Esporte Lazer na possível utilização do esporte como forma de ocupar o tempo livre com o

objetivo de obter prazer, o Esporte de Redimento tem como seu principal foco o resultado e a competição e o Esporte Educacional

tem no processo de ensino-aprendizado seu maior fator de impacto. O esporte é o canal para a modificação do conhecimento do e pelo corpo. No caso da pessoa com deficiência permite o acesso às possibilidades de novas formas de movimento ou interação com o meio, possibilitando ao praticante o acesso a novos contextos de inserção, que, por vezes, eram limitados pela falta de informação ou pelo preconceito pessoal ou das outras pessoas. Essa manifestação não se limita ao ambiente escolar, um dos principais para a prática do esporte educacional, pois sua característica principal está no processo e não no ambiente (MELLO, Marcos e WICKLER, Ciro. 2012. p.19).

É justamente no Esporte Educacional que o professor de Educação Física tem que basear suas aulas do conteúdo Esporte quando se fala da pessoa com deficiência na escola, produzindo dessa maneira novas formas de inserção, no esporte educacional, por exemplo a classificação funcional dos Esportes Paralímpicos pode ser adaptada utilizando outros preceitos ou simplesmente se tornado mais liberal e menos rigorosa, dessa maneira fazendo com que todos possam praticar.

De acordo Mello e Wickler (2012), a busca pelos verdadeiros valores do esporte ocorrem numa comparação com nossa própria vida onde obstáculos podem ser superados e objetivos alcançados independente de quem seja a pessoa que esteja enfrentando esse desafio, segundo os autores é em cima dessa reflexão que encontra-se a verdadeira riqueza do Esporte Paralímpico, quando observamos novos caminhos que são capazes de gerar completo desenvolvimento através do acesso aos novos movimentos, com isso contribuindo na valorização, autorrealização, autocapacitação, na melhoria da autoimagem, e na afirmação positiva e autoestima

É de fundamental importância sabermos que cada indivíduo é um ser único tendo assim suas próprias características e sua individualidade, dessa maneira, generalizar dentro de uma sala não é cabível. Cada aluno deve ser tratado de acordo com suas particularidades, sendo observado sua personalidade, suas habilidades em diferentes âmbitos e seu potencial.

Trabalhar com alunos com deficiência, muitas vezes, traz insegurança, medo e muitas dúvidas. Antes de criar qualquer expectativa, é preciso desmistificar o preconceito, estudando sobre a deficiência com a qual terá contato e conhecê-la melhor no dia a dia com o aluno. Aproximar-se, criar um vínculo educacional e propor atividades que promovam a autonomia desse aluno são medidas que influenciam o resultado final, sendo possível atingir plenamente os objetivos traçados no início do processo (MENDONÇA, Débora e FLAITT, Patricia. 2013. p.15).

Desde o começo dos tempos a pessoa com deficiência (PCD) teve seu caminho marcado pela segregação e exclusão de acordo com o momento histórico em que estava

inserido, Dárido e Souza (2013), afirmam que a pessoa “diferente”, com limitações físicas que atrapalhavam nas suas funcionalidades eram literalmente excluída da sociedade por meio do abandono, os indivíduos com necessidades especiais foram vistos como doentes e incapazes, e sempre estiveram em situação de desvantagem, o que não era visto como uma prática cruel, algumas sociedades atribuíam a deficiência como castigo divino.

O passar dos séculos melhorou a visão das sociedades em relação as PCD's, mas muitos obstáculos ainda são encontrados principalmente quando nos voltamos para educação, sendo mais claro, o ensino regular. Ainda segundo Dárido e Souza (2013), o indivíduo com necessidades especiais ainda é colocado muitas vezes na posição de alvo da caridade popular e da assistência social, o famoso “coitadismo” e não no lugar de sujeitos independentes que tem direito a sociabilidade, entre esses direitos sociais se inclui à educação, à Educação Física e os esportes.

O crescimento do esporte paralímpico veio mostrar o outro lado da moeda, o lado não frágil, o lado competitivo e esportista das pessoas com algum tipo de deficiência, além, de carregar consigo toda uma história e muitos valores decorrentes da criação do próprio movimento paralímpico e do esporte como um todo. Dessa forma, mais uma vez, é notório a importância de trabalhar o conteúdo Esportes mesmo não havendo alunos com algum tipo de deficiência na sala de aula, e também a importância de se inserir alunos com deficiência nas aulas de educação física e no esporte, caso os mesmos se encontrem na turma.

Segundo Mendonça e Flaitt (2013), o ato de incluir alunos com deficiência nas aulas, é também uma fonte de mudança na sala de aula, na forma de ver o mundo, na forma de agir e de pensar. A solidariedade e o nosso lado humano se sobrepõem, dessa forma as pessoas diferentes de nós acabam nos fazendo crescer enquanto seres humanos que somos.

Nesse processo de inclusão é importante ressaltar que o professor deve estar atento as diversas variáveis que estão ao seu redor, administrando-as, dessa maneira podendo gerar um ambiente agradável para os alunos com algum tipo de deficiência, como também para o dito “normal”, assim, oferecendo condições favoráveis para o processo de ensino e aprendizagem.

O professor deve ser mediador desse processo de inclusão, estar atento às atitudes discriminatórias (apelidos, deboches e situações de exclusão) conversando seriamente com os alunos. Desenvolver projetos dentro da unidade escolar que proporcionam esclarecimento e vivência sobre as diferenças é uma atitude que auxilia no entendimento de cada caso existente na sala de aula (MENDONÇA, Débora e FLAITT, Patricia. 2013. p.16).

Anteriormente foi citado por Mendonça e Flait (2013), o fato da insegurança ao trabalharmos com alunos com algum tipo de deficiência, somos preenchidos muitas vezes pelos medos e dúvidas, além de muitas vezes carregarmos conosco uma bagagem de preconceitos, é preciso estudar as deficiência na qual teremos contato dessa forma podendo conhecê-las melhor. Ainda segundo os autores é importante criar um vínculo educacional com alunos encaminhando dessa maneira atividades que a provovam a autonomia desse aluno.

Levando em conta essa insegurança que temos ao trabalharmos com alunos com algum tipo de deficiência, e mesmo com o tema Esporte Paralímpico, esponho agora algumas propostas que oferecem reflexões, sobre cidadania, solidariedade e convivência, dentro das possibilidades de esclarecimento sobre determinado tema, eis algumas sugestões por Mendonça e Flait (2013):

- Assistir filmes que relatam a questão da deficiência e depois discutir com todos os alunos, ou desenvolver alguma atividade prática relacionada à história;
- Convidar um profissional que trabalhe com determinada deficiência ou mesmo alguém da família da criança para conversar com os alunos;
- Colocar os alunos em situações em que possam vivenciar a deficiência realizando uma dinâmica ou sensibilização e pedir para que executem algumas atividades.

Ainda complemento com atitudes que o professor deve tomar quando se encontra na presença de alunos deficientes auditivos, visuais e físicos. A baixo temos uma lista, com o objetivo de exemplificar como o profissional de Educação Física deve agir usando o melhor entendimento do ambiente escolar que o serca através de dicas sugeridas por Darido e Souza (2013), apud Pedrinelli:

Na presença de deficientes auditivos:

- Posicionar-se de forma que seu rosto fique visível, facilitando a compreensão através da linguagem labial e gestual;
- Remover aparelhos auditivos, quando houver atividades que possam danificá-los;
- Utilizar demonstrações e/ou recursos visuais sempre que possível;

- No caso de surdez decorrente de alterações no aparelho vestibular (responsável pela sensação de equilíbrio/desequilíbrio), estar ciente de que podem ocorrer dificuldades de equilíbrio;
- Encorajar o aluno a seguir as demonstrações dos colegas;
- Utilizar e incentivar o uso da linguagem de sinais por parte de todos os colegas.

Na presença de deficientes visuais ou com baixa acuidade visual:

- Guiar o aluno, se este precisar, oferecendo o cotovelo para que ele se apoie;
- Informar o aluno sobre obstáculos e materiais presentes no espaço e remover aqueles que forem desnecessários;
 - Nos casos de baixa acuidade visual, aumentar as dimensões dos objetos e utilizar cores contrastantes;
 - Sempre que possível, introduzir materiais sonoros;
 - Sempre que de dirigira ao aluno, mencionar seu nome;
 - Fornecer informações sobre a atividade com explicações verbais detalhadas;
 - Deixar que o aluno perceba como é o movimento pelo tato (o aluno é que deve tocar o profissional).

Na presença de deficientes físicos:

- Sempre informar-se sobre a condição de saúde do aluno participante, obtendo aprovação médica para participação nas atividades, se necessário;
- Estar atento para o fato de que o tempo de execução de movimentos pode ser mais demorado;
- Fazer com que o aluno com deficiência sugira implementos, modificações de regras e adaptações nas atividades;
- Pesquisar habilidades as mais diversas possíveis e orientações sobre elas, para que o aluno, se desejar, possa participar das modalidades esportivas oficiais;
- Propiciar sempre o máximo de autonomia.

3. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O estágio foi realizado em uma turma de 6º ano, constituída por aproximadamente 20 alunos, distribuídos entre meninos e meninas, com idades entre 10 e 13 anos, de uma escola municipal da Zona Leste de Campina Grande, PB, no período de Setembro a Novembro do ano de 2019.

A educação física na escola é oferecida de forma mista aos alunos do ensino fundamental, o professor responsável estava a repassar o conteúdo Esportes, que na verdade era oferecido no formato de modalidades livres de acordo com o visto nas observações diagnósticas realizadas.

As metodologias utilizadas foram:

- Aulas expositivas;
- Debates;
- Palestras de convidados;
- Apreciação e discussão de vídeos/ filmes;
- Aulas teóricas-práticas.

Com relação ao espaço físico, a escola dispunha de um campo de areia e um pátio, ambos sem cobertura. Os materiais oferecidos pela escola para a realização do estágio foram uma televisão e pinceis para quadro branco solicitados pelos membros do estágio, que foram agregados aos materiais levados pelos mesmos sendo eles: vendas, bola de basquete, dardo, discos, pesos, cadeira adaptada, sacolas plásticas, bolas de bocha e bolas de assopro.

Foram utilizados como estratégias metodológicas: debates com o propósito de indentificar o conhecimento e a perspectiva que os alunos possuíam acerca das pessoas com deficiências, utilizando de recursos de vídeos e dinâmicas sobre a temática para aproximar, ao máximo, o aluno da realidade vivenciada pelas pessoas mencionadas nos temas das aulas. Em seguida, foram apresentados aos alunos atletas deficientes que foram responsáveis por introduzir a fundamentação de cada esporte que eles estavam ali representando, auxiliando para o próximo passo, que foi marcado pela produção de materiais acerca dos esportes paralímpicos que mais os chamaram atenção.

No primeiro momento tivemos o objetivo de conhecer as turmas que seriam atendidas pelo estágio, a turma escolhida foi a do 6º ano “A” (por indicação da diretora e do professor de Educação Física da escola).

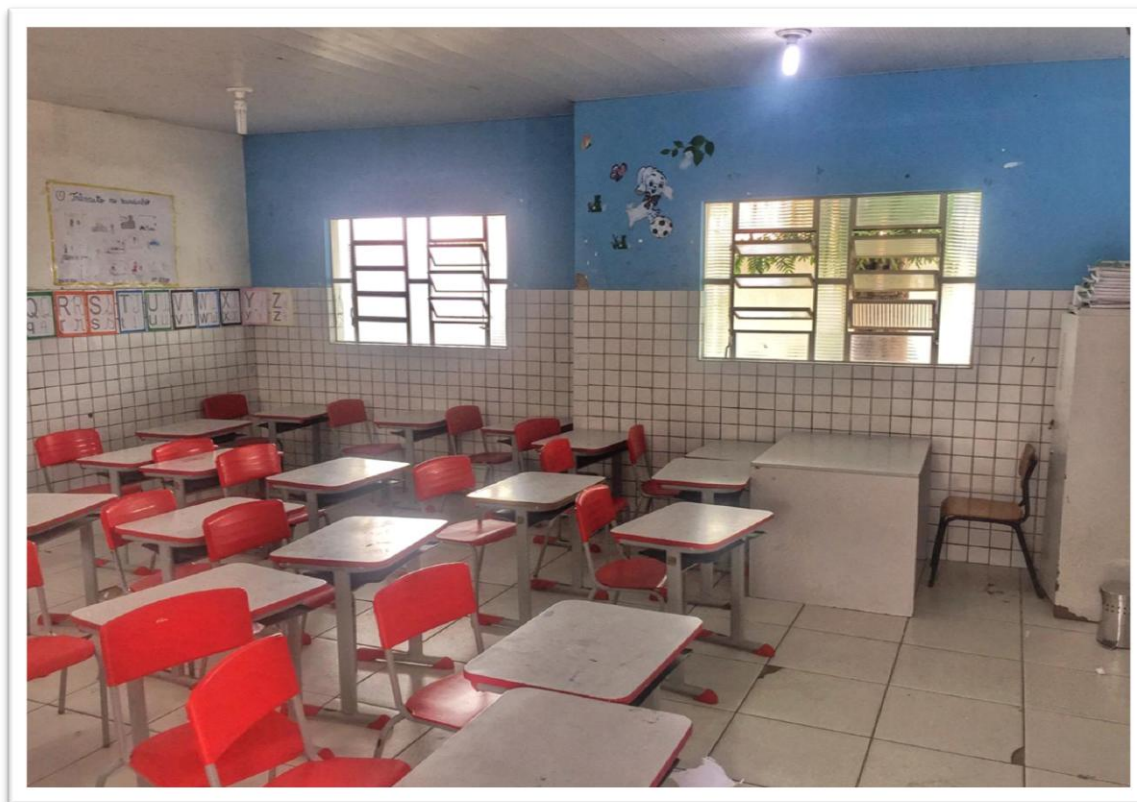


Figura 1- Sala de aula (Fonte: Próprio Autor).



Figura 2- Pátio da escola (Fonte: Próprio autor).



Figura 3- Campo de areia (Fonte: Próprio autor).

4. DESCREVENDO A EXPERIÊNCIA

Considerando o planejamento do projeto educativo foram construídos os objetivos, definidos alguns conteúdos, bem como, as estratégias metodológicas e avaliativas.

Para uma melhor visualização, o trabalho apresenta o quadro a seguir como uma síntese das aulas desenvolvidas.

QUADRO 4 – Organização didática utilizada para o trato dos Esportes Paralímpicos

Aula	Conteúdo/objeto de conhecimento	Objetivo(s)	Procedimentos	Técnica de ensino	Avaliação
Aula 1 13/09	Esportes: cotidiano do deficiente e o atleta paralímpico.	O Identificar e compreender a percepção social sobre o cotidiano do deficiente; Possibilitar reflexões em como se tornar um atleta.	Roda de conversa; Apreciação e debate de documentário; Divisão de grupos e construção coletiva de um mapa mental.	Tempestade de idéias expositiva dialogada.	Mapa mental

Aula 2 20/09	Inclusão e integração, e a aproximação com a realidade da pessoa com deficiência.	Identificar e compreender a percepção do aluno acerca da integração e inclusão.	Roda de conversa; Desenvolvimento de atividades com os alunos vendados;	Debate	Apresentação de trabalho
Aula 3 04/10	Esportes: O esporte sobre rodas e o cotidiano do atleta paralímpico.	Conhecer e refletir sobre o cotidiano do atleta paralímpico.	Apresentação de atleatas paralímpicos; O processo de superação para se tornar um atleta; Vivência de alguns esportes debatidos em sala de aula.	Roda de conversas	Formativa, através de questionamento durante e ao final da aula.
Aula 4 18/10	Introdução à bocha: oficina de criação das bolas, resumo de regras e prática esportiva.	Experimentar a confecção manual de bolas de bocha a serem utilizados no jogo tendo em vista a criação de vínculo com a prática que será realizada.	Breve conversa do que será realizado; Apresentação dos materiais utilizados; Produção das bolas de Bocha; Vivência do jogo da Bocha com as bolas feitas pelos alunos.	Expositiva dialogada	Confecção das bolas de bocha.
Aula 5 01/11	Introdução à bocha paralímpica: origem, as pessoas com deficiência, regras, contagem de pontos.	Vivenciar a Bocha Paralímpica de forma a compreender aspectos fundamentais que o caracterizam,	Apresentação do professor convidado; Explicação sobre a Bocha Paralímpica; Vivência do jogo, enfatizando os conteúdos	Expositiva dialogada	Formativa, através de questionamento durante e ao final da aula.

		bem como, experimentar o jogo propriamente dito.	abordados em sala.		
--	--	--	--------------------	--	--

Fonte: Dados do estudo

O projeto havia destinado 7 aulas, mas foram desenvolvidas apenas 5, com conteúdo teórico e prático. As aulas foram ministradas com o conteúdo esporte de uma maneira prática e reflexiva, voltadas ao caráter cooperativo, com intuito de desenvolver com os alunos atividades de produção de materiais, fazendo-os vivenciar as atividades adaptadas, formalizando uma construção coletiva sobre conceitos e quebra de paradigmas e preconceitos

As aulas na maioria dos casos foram proveitosas, sendo que sempre uma média de 10 alunos faltavam, havendo boa participação dos estudantes que compareciam. Algumas dificuldades e problemas ao desenvolver as aulas teóricas e práticas foram encontradas, devido a feriados, feira de ciência, estrutura do campo de areia, condições climáticas no horário da aula (a temperatura estava bastante elevada fazendo com que os alunos queimassem os pés na areia quente do campo), e exclusivamente um dos planejamentos que deu errado. Mas diante dos contratempos foi viável a aplicação das intervenções com boa aceitação por parte dos alunos.

De acordo com um mapeamento feito da turma escolhida e observação do perfil dos alunos foi elaborado o plano de ensino. Sendo assim nossos planejamentos e entrega dos planos de aula aconteceram nas quintas-feira sendo aplicados nas sextas-feira.

Como em todo processo educacional, é necessário fazer um planejamento anual e por aula. Traçar objetivos e vinculá-los a atividades que promovam a ascensão do aluno são de extrema importância. Desse modo, ao final do processo, o aluno atinge satisfatoriamente sua autonomia e aumenta seus saberes na área intelectual e motora (MENDONÇA, Débora e FLAITT, Patrícia. 2013. p.15).

O estágio de acordo com o horário oferecido pela universidade seria originalmente nas quintas-feiras, mas como a escola não tinha horário disponível, aproveitamos que não havia aula para os estagiários nas sextas-feira e ocupamos o horário de duas aulas vagas que foi oferecido pela escola.

Através do planejamento ficou decidido trabalhar com a abordagem Crítico Emancipatória que diz segundo os Referenciais Curriculares do Estado da Paraíba (2010) que

o movimento humano em sua expressão é considerado significativo no processo de ensino/aprendizagem, pois está presente em todas as vivências e relações que constituem o “ser no mundo”. Nesse sentido, parte do entendimento de que a expressividade corporal é uma forma de linguagem pela qual o ser humano se relaciona com o meio, tornando-se sujeito a partir do reconhecimento de si no outro. Tem como centro da discussão o processo comunicativo, também descrito como dialógico.

Utilizando como norteadores a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o documento do Dia Paralímpico Escolar (DPE).

4.1 Um mundo deficiente -Aula 01

A aula foi iniciada com uma dinâmica de apresentação da turma, onde, cada aluno apresentava um colega, dizendo nome, uma qualidade e qual esporte o amigo gostava de praticar. Dentro dessas apresentações, essas foram as respostas mais recorrentes: “Jogar bola”, “Ela dança”, “Ela gosta de Baleada”, “Ele joga free fire” (jogo de celular).

Foi perguntado se a “baleada” e o “Free Fire” eram esportes e a maioria respondeu que sim, aproveitando a deixa foi explicado a definição de esporte, o que são as federações, e foi também tratado a esportização dos jogos digitais.

Em seguida foram exibidas fotos de algumas pessoas com diferentes deficiências (cadeirante, deficiente visual, amputado), sendo feitos questionamentos, estimulando assim os estudantes a falarem o que eles identificavam em cada imagem. Sendo essas algumas das respostas: “Aleijado”, “Cego”, “Sem a perna”. Seguido de algumas objeções por parte de outros alunos como por exemplo “não é aleijado, é cadeirante”.

Diante do ocorrido é importante mais uma vez ressaltar o papel do professor que deve está atento as diversas variáveis que estão ao seu redor, administrando-as, dessa forma gerando um ambiente agradável para todos que ali estão, assim, como falado por Mendonça e Flaitt (2013), o professor é mediador e deve está atento às atitudes discriminatórias (como por exemplo os termos usados por alguns alunos, citados no parágrafo acima), é nesse momento que a conversa com os estudantes ganha um tom de seriedade. Além disso é fundamental que o professor desenvolva vivências e debates que proporcionem esclarecimentos sobre as diferenças, auxiliando dessa forma o entendimento de cada caso existente.

Tendo em vista o que foi falado anteriormente, foi pedido para que os alunos olhassem além das pessoas nas fotos, fazendo assim com que eles observassem a paisagem que

cercava os deficientes em cada foto de modo a identificarem e refletirem sobre o mundo que cerca a pessoa com algum tipo de deficiência. Os estudantes fizeram apontamentos sobre as cadeiras que impediam o cadeirante de subir para a calçada, a estrada que facilitava a locomoção da cadeira, sobre o bastão do deficiente visual e como o mesmo fazia para se locomover, questionaram se o “sem a perna” podia “jogar bola”.

O debate foi estimulado por meio de perguntas que provocassem reflexões. Nesse mesmo momento foi perguntado se alguém conhecia pessoas com deficiência, e o que chamou bastante minha atenção foi quando uma das alunas (que estava com o olhar de choro durante a demonstração das fotos), falou que seu tio era cadeirante. Nesse momento consegui entender que o quase choro dela podia estar relacionado ao projetar seu parente diante do olhar do outro, no caso de seus colegas. Daí, sua visão de corpo diferenciado, com relação às pessoas com algum tipo de deficiência física, pois sua participação e observação constantes sinalizavam uma outra compreensão para a pessoa com deficiência.

No decorrer da aula foi mostrado fotos de pessoas com as mesmas deficiências mostradas nas fotos anteriores, mas dessa vez praticando esportes. Foi exibido um vídeo em formato de desenho mostrando a realidade de uma criança com paralisia cerebral (Figura 5). A intenção era a desconstrução da imagem do “coitado” atribuído pela sociedade às pessoas com algum tipo de deficiência, e demonstrando o lado competitivo e funcional dessas pessoas.



Figura 4- Reprodução de desenho animado como estratégia pedagógica. (Fonte: Próprio autor).

Como mostrado na Figura 5, foi construindo um mapa mental pelos alunos com o objetivo de fixar e avaliar o que foi abordado durante a aula.

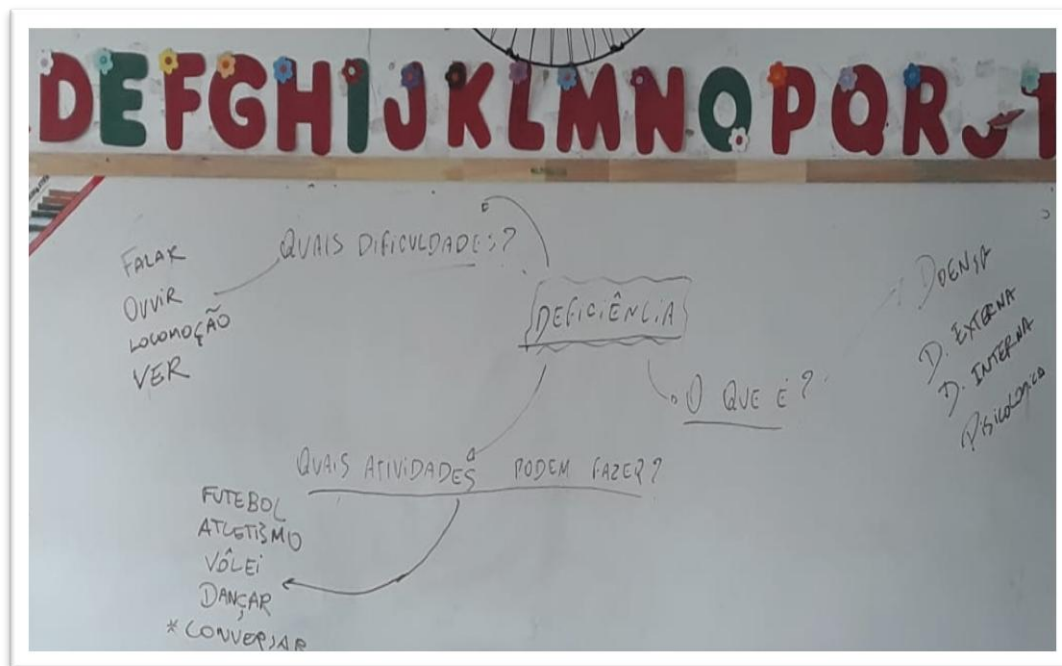


Figura 5- Mapa mental construído pelos alunos. (Fonte:Próprio autor).

Após a realização do mapa mental foi encaminhado a atividade de casa para a aula seguinte. A turma foi dividida em 4 grupos onde cada grupo ficou responsável por pesquisar sobre os esportes Futebol de 5, Basquete em cadeiras de roda, Bocha paralímpica e Golball, com o objetivo de responder as seguintes questões “O que é?”, “Regras”, “Quem pode praticar” e apresentar na aula futura.

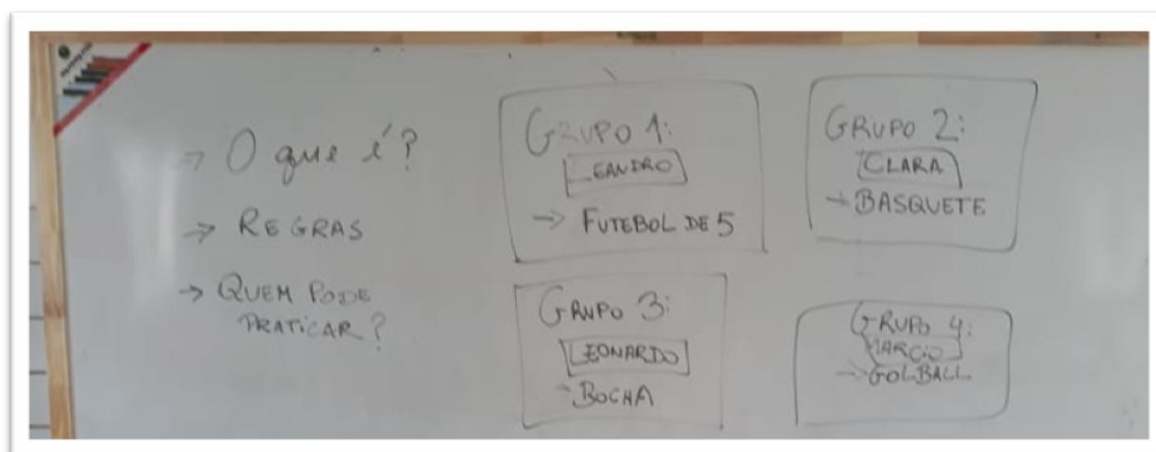


Figura 6- Atividade de casa (Fonte:Próprio autor).

Levando em conta a insegurança que temos ao trabalhar com alunos com algum tipo de deficiência, e mesmo com o tema Esporte Paralímpico, foi citado anteriormente nesse relato algumas propostas que oferecem reflexões sobre esse determinado tema, que também podem ser utilizados em turmas que não tenham alunos com algum tipo de deficiência (como é o caso), com algumas sugestões por Mendonça e Flaitt (2013), das quais uma das era justamente assistir filmes que relatam a questão da deficiência e depois discutir com os estudantes as questões ali envolvidas, principalmente fazendo reflexões sobre cidadania, solidariedade e a convivência com as pessoas com deficiência.

Nesse contexto a sugestão de Mendonça e Flaitt citada no parágrafo acima da suporte a aula aqui relatada tendo em vista os resultados visualizados durante o decorrer da mesma, o recurso de vídeo prendeu a atenção dos alunos durante todo o tempo de reprodução, sendo muito bem aceito pela turma.

O recurso avaliativo utilizado (mapa mental) ao final da aula nos fez constatar a eficiência do recurso de vídeo enquanto ferramenta metodológica, sendo o sucesso ao alcançar o objetivo planejado que era o indentificar e compreender uma percepção social sobre o cotidiano do deficiente, a prova disso. As informações colocadas no mapa mental pelos próprios alunos, demonstram o total entendimento das seguintes questões transmitidas pelo vídeo e objetivadas para aula: O que é dediciência? Quais as dificuldades ?e quais as atividades que podem ser realizadas pelos deficientes.

4.2 A inclusão pede entrada -Aula 02

A aula teve início com a apresentação dos grupos e seus respectivos esportes, considerando ainda a falta de hábito de alunos pesquisarem, realizarem atividade de casa do componente Educação Física observou-se que metade dos grupos cumpriu a atividade, de forma cuidadosa com elaboração de cartazes (em cartolina), uso do quadro, etc.

Dos quatro grupos, um não fez, outro pesquisou um esporte diferente e apenas dois apresentaram de acordo com o orientado pelo professor- estagiário. Foi notado bastante timidez nos alunos que apresentaram, não sei se por falta de costume, falavam baixo e sempre olhando para o cartaz, evitando na maioria das vezes contato visual com o restante da

turma. Os esportes apresentados foram a bocha paralímpica e o basquete com cadeiras de



rodas.

Figura 7- Grupo apresentando trabalho utilizando cartolina (Fonte: Próprio autor).



Figura 8 – Grupo utilizando o quadro (Fonte: Próprio autor).

Em seguida foi dado foco ao objetivo da aula, sendo estimulado o começo de um debate sobre a integração e a inclusão, o que eles (alunos) achavam, quais as diferenças entre os dois. Foi pedido para quem quisesse falar levantasse a mão e assim foi feito, no quadro foi colocado as opiniões e definições do que eles entendiam acerca do que estava sendo tratado

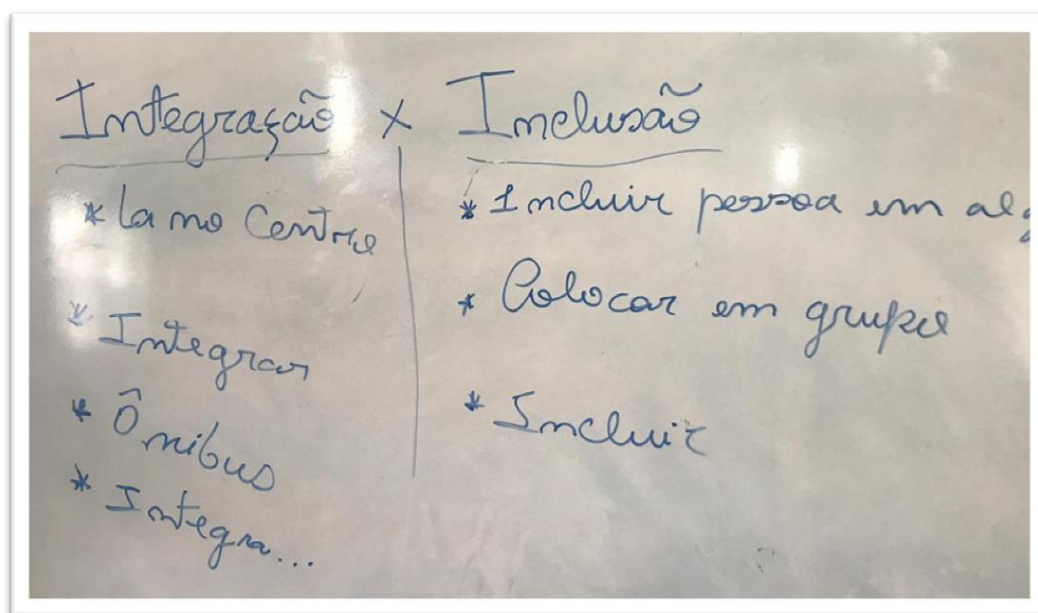


Figura 9- Comparação feita pelos alunos entre Integração x Inclusão. (Fonte: Próprio autor).

Como citado no trabalho anteriormente o esporte se manifesta de várias maneiras e uma das formas de manifestação é o Esporte educacional sugerido aqui como a manifestação na qual o professor de Educação Física tem que basear suas aulas do conteúdo “Esportes”. Essa forma de manifestação do esporte de acordo com Mello e Wickler (2012), se caracteriza por ter o processo de ensino-aprendizado como seu maior fator de impacto possibilitando novas formas de movimentos e interação com o meio, assim proporcionando o contato a novos contextos que não se limitam ao ambiente escolar, pois, a principal característica dessa manifestação está no processo e não no ambiente.

Podemos ver nitidamente, na comparação feita pelos alunos entre inclusão e integração (conforme figura 9) o sentido da manifestação educacional que fala dos contextos que não se limitam a escola sendo empregado nessa aula, quando os alunos “ultrapassam os muros da escola” no seu entendimento acerca do que achavam ser intergração e inclusão. Utilizamos esse entendimento como forma de identificar a visão deles a respeito desses dois termos e a partir disso concretizar durante o decorrer da aula a verdadeira idéia de inclusão e integração.

Em seguida, foi questionado: “Se colocarmos um cadeirante em um jogo de futebol, mas do lado de fora, apenas olhando ou servindo de “juiz”, estamos incluindo ou integrando?” as respostas foram na maioria do tipo “Incluindo, integrar é la na integração”, alguns indagaram que estariam integrando, mas não justificaram.

Logo em após foi exemplificado: “Um jogo de vôlei a rede está no alto se colocarmos um cadeirante ele provavelmente não vai conseguir jogar devido algumas limitações, assim deixamos ele limitado a olhar ou apenas servir de “juiz”, ele vai está presente mas não incluso, mas se diminuirmos a rede e todos jogarem sentados, o cadeirante participa.” Esse pequeno exemplo foi usado para o entendimento do conceito, depois perguntado novamente se no primeiro momento, com a rede alta e o cadeirante apenas presente estávamos incluindo ou integrando? A resposta da maioria foi que estaria apenas “integrando”. Logo em seguida, foi feita a mesma pergunta com a situação da rede baixa e toda a turma respondeu “incluindo”.Pra fechar foi apresentado a definição de integração e inclusão.

Para fixar a definição, de inclusão e integração foi apresentado um vídeo em forma de desenho animado baseado em fatos e pessoas reais. Foi notório a sensibilização dos alunos acerca do tema



Figura 10- Reprodução de desenho acerca de integração x inclusão. (Fonte: Dados do estudo)

Como momento final da aula foi direcionado uma atividade prática para os estudantes, onde parte da turma foi vendada. Os alunos não vendados formaram duplas com os vendados, passeando pela escola, e depois no campo fazendo um toca corrente.

Ambas as atividades tiveram o objetivo de aproximar as crianças da realidade dos deficientes visuais fazendo com que a vivência pudesse gerar uma mudança mesmo que pequena, fazendo-os observar e refletir sobre pessoas com algum tipo de deficiência, no sentido do respeito e no ato de cuidar do outro.

Nas aulas, as práticas corporais devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório. Desse modo, é possível assegurar aos alunos a (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade (BNCC, p. 213)

Ao decorrer da atividade quem estava vendado trocava de lugar com quem não estava e vice-versa.



Figuras 11 e 12- Alunos vendados realizam atividade (Fonte: Próprio autor).

Foi observado durante no passeio pela escola que os alunos não vendados faziam brincadeiras, como pequenas tapas na cabeça, “olha o batente” onde não existia batente, “vai ceguem, vai cego, anda rápido” e puxavam o amigo vendado rapidamente causando um pouco de insegurança. Já na parte da atividade realizada no campo esses atos diminuíram consideravelmente. As dificuldades encontradas durante a execução das atividades foram a falta de silêncio por parte do alunos, a dificuldade de concentração e a temperatura elevada da areia do campo que queimou os pés de alguns alunos que estavam calçados com sandálias.



Figura 13- Passeio pelo pátio (Fonte:Próprio autor).



Figura 14- Toca corrente no campo. (Fonte:Próprio autor).

Os autores Mendonça e Flaitt (2013), deixam como indicação ao se trabalhar o esporte paralímpico na escola, colocar os alunos em situações em que possam vivenciar a deficiência, realizando dessa forma dinâmicas ou sensibilizações, e pedindo para que os estudantes executem algumas atividades. De forma a aproximar a criança “não deficiente” da realidade das pessoas com algum tipo de deficiência.

Tendo em vista a observação dos resultados positivos e a reação dos alunos na aula aqui relatada, deixo aqui minha total indicação e apoio ao uso dessa sugestão por parte dos professores de Educação Física que forem trabalhar o esporte paralímpico na escola.

4.3 A realidade de perto -Aula 3

Essa aula em particular começou de maneira diferente quando outra turma juntou-se a nossa a pedido do professor para que seus alunos também tivessem a vivência. Foram convidados os atletas David Rodrigo do Atletismo (camisa preto e vermelho) e José Eduardo do Basquete (camisa amarela) para compartilhar e transmitir seus conhecimentos, realidades e experiências, sobretudo com os esportes paralímpicos que são adeptos. Foram apresentados para a turma e, logo em seguida, foi aberto o espaço para os dois se apresentarem e começarem o diálogo em torno do atletismo (que havia sido programado) e do basquete, pois Eduardo (Dudu) é praticante e pediu para falar um pouco sobre a modalidade também.



Figura 15- David e Eduardo compartilham suas experiências (Fonte: Próprio autor).



Figura 16- José Eduardo fala um pouco sobre o basquete em cadeira de rodas(Fonte:Próprio autor).

Foi aberto espaço para que os alunos fizessem perguntas a David e Dudu e dentre as perguntas realizadas pelos alunos algumas chamaram atenção a exemplo de “Como vocês fazem para andar?”, “Como fazem para ir ao banheiro?”, “Você sofre muita discriminação?”, “Como é ficar o dia todo na cadeira?”. Em um dos momentos um estudante usou o termo “aleijado”, foi perguntado quem havia falado e ninguém se acusou, então foi indagado que não havia necessidade do motivo do medo, nem vergonha, pois infelizmente esse era um termo usado popularmente e que nós acabamos nos condicionando a falar também.

O atleta do basquete (Dudu) brincou um pouco com o fato em algumas situações, assim o aluno acabou por se identificar, ainda um pouco sem graça e rindo do termo “aleijado”, o que nos levou a constatar, pelo relato do convidado, o quanto a sociedade ainda emprega com chacota esse termo à pessoas com deficiência física.

Vídeos e slides abordando um pouco do histórico do esporte adaptado e das paralímpias foram mostrados e os dois atletas falaram do seu histórico de vida, de como conheceram o esporte, mostraram medalhas e materiais, falaram do seu dia a dia, do treino e da importância do esporte para a vida.

David levou medalhas conquistadas em competições, dentre elas a de terceiro lugar no Campeonato Brasileiro desse ano de 2019, que continha na parte de trás escritos no sistema braille. Nesse momento brincou com a turma “Eu dou R\$100,00 para quem adivinhar o que tem escrito na parte de trás” o que acabou gerando bastante interesse dos alunos para com a medalha.

Para todos, sem dúvida alguma em conhecimento tudo aquilo que estava sendo mostrado foi novo, era notório o sorriso e a forma com que estavam interagindo com os materiais conforme as figuras 17 e 18. Em seguida foi reproduzido um vídeo do Comitê Paralímpico Brasileiro que mostrava vários trechos de paratletas brasileiros no mundial de paratletismo de 2017.



Figura 17- Alunos tem contato com o sistema braille escrito na medalha (Fonte: Próprio autor)



Figura 18 – Alunos tem contato com materiais usados no atletismo.(Fonte:Próprio autor)

Todo esse material exposto foi de fundamental importância, pois, reforçou uma visão que o próprio Ludwig Guttman (criador do movimento paralímpico) queria passar sendo justamente de acordo com Anderson (2003) apud Brittain (2010, p. 8) a idéia de:

mudar a atitude da sociedade em relação ao lesado medular ao demonstrar a eles que não só poderiam continuar sendo membros úteis da sociedade, mas poderiam participar em atividades e completar tarefas com as quais a maioria dos não deficientes teriam dificuldade.

David em determinado momento falou da mobilidade, e nesse momento houve uma sensibilização por parte de todos quando o atleta Dudu completou dizendo que “a luta deve ser de todos, não apenas dos deficientes mas, de toda a sociedade”, ao observar e cobrar acessibilidade nos locais onde vão, seja na rua, na padaria ou onde for. Nessa deixa foi direcionado, uma atividade aos alunos, pedir para que cada aluno registrasse locais por onde costumam passar, observando de forma crítica se são acessíveis ou não e registrando com fotografias;

A aula mudou de cenário. No campo de areia foi realizado a vivência dos alunos com o lançamento de dardo, disco e peso, sob supervisão e orientação dos atletas convidados. No início, os alunos estavam um pouco acanhados sem participarem, mas ficaram mais participativos no decorrer da prática



Figura 19- Vivência prática do atletismo (Fonte: Próprio autor).



Figuras 20- Alunos vivenciam na prática os arremessos de peso, dardo e disco(Fonte: Dados do estudo).

Os autores Mendonça e Flaitt (2013), afirmam que o ato de incluir alunos com deficiência nas aulas, é também uma fonte de mudança na sala de aula, na forma de ver o mundo, na forma de agir e de pensar. A solidariedade e o nosso lado humano se sobrepõem, dessa forma as pessoas diferentes de nós acabam nos fazendo crescer enquanto seres humanos que somos.

Complementando a informação passada pelos os autores posso também afirmar segundo a experiência obtida com o estágio e a observação dos alunos nas vivência realizadas nessa aula aqui relatada, que as mudanças também podem ocorrer quando promovemos o contato dos estudantes com pessoas com deficiências, nesse caso específico os dois atletas. O contato ofereceu bastante reflexões, sobre cidadania, solidariedade e convivência, como no momento em que as crianças perguntaram sobre como os cadeirantes faziam para ir ao banheiro e se sofriam muita dicriminação, foi observado dúvidas simples que dificilmente seriam descobertas e sanadas se tão tivesse ocorrido o contato dos deficientes com os estudantes.

Mendonça e Flaitt (2013), ainda deixam também como indicação o convite de um profissional que trabalhe com determinada deficiência ou mesmo alguém da família da criança para conversar com os alunos.Deixo aqui minha total indicação e apoio ao uso dessa sugestão por parte dos professores de Educação Física que forem trabalhar o esporte

paralímpico na escola, tendo em vista a observação dos resultados positivos e a reação do alunos na aula aqui relatada.

4.4 Mãos à obra- Aula 4

O objetivo da aula aqui descrita foi Experimentar a confecção manual de bolas de bocha a serem utilizados no jogo tendo em vista a criação de vínculo com a prática que será realizada. O planejamento foi pensado da seguinte maneira, como primeiro passo uma breve conversa do que seria realizado, seguindo de: apresentação dos materiais utilizados, produção das bolas de bocha e por último, mas não menos importante, a vivência do jogo da Bocha Paralímpica com as bolas feitas pelos alunos.

Para a produção das bolas utilizou-ser sacolas plásticas e bolas de assopro como materiais. A orientação dada foi para colocar areia do campo (da escola) dentro das sacolas plásticas sem seguida fechadas e moldadas em formato esférico. Para finalizar as “bolas de areia” seriam revestidas com as bolas de assopro vermelhas, azuis e branca (tendo apenas uma branca em cada kit de bolas) sendo essas as cores oficiais da bocha.

O planejado era em seguida dividir os grupos, onde cada grupo ficaria responsável pela produção de 6 bolas vermelhas, 6 bolas azuis, e uma branca, formando assim kits de bolas que seriam utilizados na realização do jogo que finalizaria a aula.

A execução da aula não foi bem sucedida, pois durante a execução foi perceptível falhas no processo, não saindo a aula como o esperado, e os alunos tendo que ser liberados mais cedo como consequência da falta de um “plano B”. Cito abaixo alguns dos pontos falhos que fizeram com que a aula não ocorresse como o planejado:

- Não foi pensado a quantidade de areia a ser colocada em cada sacola plástica, de acordo com o tamanho da bola de bocha, bem como, não foi levado nenhum instrumento para pesar a mesma;
- Não foi testado anteriormente a resistência das bolas de assopro;
- Não foi pensado na possibilidade de distração que as bolas de assopro poderiam causar.

Agora alguns fatos que ocorreram durante a aula:

- Os alunos começaram encher as bolas de assopro com água e com o próprio ar;
- A sala de aula ficou com muita areia devido muitas sacolas romperem;
- Na hora de revestir as bolas de areia a maioria das bolas de assopro não aguentavam e rasgavam.

Portanto, não sugerimos esse tipo de material para confecção da bola de bocha. Uma alternativa seria as bolas coloridas utilizadas em piscinas de bolinhas.

Durante o decorrer do processo os estagiários perderam o controle da turma sendo assim no final ,como foi falado anteriormente, os alunos liberados mais cedo. Apenas algumas bolas foram produzidas, não chegando a quantidade necessária para se ter um kit completo.

Como aprendizado e experiência a ser repassada, ficou a importante lição do teste prévio dos métodos e materiais a serem utilizados como forma de evitar futuros imprevistos, não tendo dúvidas que se os testes tivessem ocorrido a aula teria tomado outros rumos.

Abaixo podemos ver imagens do que foi relatado até agora:



Exatamente nesse momento que as sacolas plásticas começaram a romper sujando toda a sala de aula.

Figura 21- Sacolas plásticas com areia (Fonte: Dados do estudo).



Um dos poucos momentos em que a bola de assopro não rompeu.

Figura 22- “Bola de areia” sendo revestida (Fonte: Dados do estudo).



Bola branca cheia de água.

Figuras 23 e 24- Produção ao final da aula (Fonte: Dados do estudo).

O principal motivo para que os objetivos não fossem alcançados foi justamente a falta de cuidado com o planejamento dessa aula em particular, é importante mais uma vez deixar claro a importância de um bom planejamento, como afirmam Mendonça e Flaitt (2013), ao indagarem que é necessário fazer um planejamento anual e por aula em todo processo educacional, de forma a traçar objetivos que sejam vinculá-los a atividades que promovam o crescimento do aluno. Fazendo com que no final do processo os alunos aumentem seus saberes e atinjam autonomia.

4.5 Uma vivência enriquecedora - Aula 5

Essa aula teve como convidado, o professor de Educação Física e técnico de Bocha Paralímpica Danilo Queiroz. O convidado foi apresentado para turma e logo em seguida, fez um alongamento com toda a turma, distribuindo bolas de bocha para toda turma e usando-as como recurso metodológico durante o alongamento.

Em seguida começou a tratar sobre aspectos históricos da Bocha Paralímpica, além de curiosidades a respeito do nome que foi apresentado de três maneiras diferentes (Boccia, Bocha, e Petanca) nesse momento algumas crianças compararam o nome da modalidade com um termo popular usado para se referir as fezes, “oxe pensei que fosse bosta”, seguido de risos por parte de alguns alunos, o fato foi ignorado pelo convidado que deu sequência com a aula.

Os materiais oficiais que são utilizados durante as partidas foram mostrados e informações sobre o treino e regras foram repassadas, através de um desenho da quadra feito pelo próprio convidado no quadro.

O símbolo que identifica as pessoas com deficiência física também foi desenhado no quadro pelo professor, que aprofundou o assunto até chegar em quem pode praticar a Bocha Paralímpica. Algumas das deficiências foram abordadas rapidamente, juntamente com as suas classificações no esporte paralímpico, o professor convidado pediu para que os alunos ao chegarem em casa procurassem na internet como se dá as divisões das diferentes categorias de acordo com a classificação das deficiências na bocha.



A interação do professor convidado com os alunos foi de fundamental importância para o envolvimento dos mesmos na

Figura 25- Interação com os alunos (Fonte : Dados do estudo).

Da mesma maneira como na aula que foi abordado o Atletismo, todos os alunos estavam bastante interessados em tudo aquilo que estava sendo mostrado, todo conhecimento passado era novo, o sorriso e a forma com que estavam interagindo com os materiais foi notório.

O convidado não alongou muito a parte teórica e sem muita demora a aula mudou de cenário, onde todos foram para o pátio externo que, por sua vez, já estava devidamente marcado

Três quadras de bocha foram demarcadas no pátio da escola antes da aula começar, como forma de otimizar o tempo.



Figura 26- Quadras demarcadas (Fonte: Próprio autor).



Materiais de fácil acesso como fitas e tesoura foram utilizados para demarcação das quadras da Bocha.

Figura 27 – Materias utilizados para demarcação. (Fonte: Próprio autor).

Foram utilizadas duas fitas do tipo adesiva nas cores Azul e verde e uma tesoura, na demarcação das quadras de Bocha.

A principio os alunos estavam jogando um contra um, mas para dinamizar, e envolver todos na experimentação da bocha foi solicitado para que os estudantes formassem grupos de 4 alunos que jogaram 2 contra 2, onde as cadeiras da sala foram utilizadas substituindo as cadeiras de rodas. Os alunos experimentaram a função de jogador de bocha e de árbitro, à medida que faziam a medição da distância entre as bolas para prosseguir com a contagem de pontos

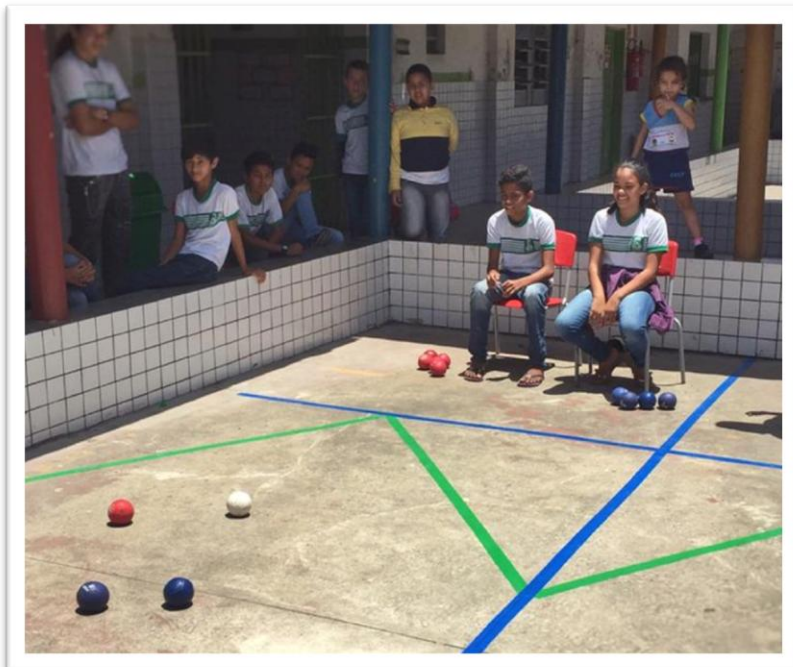


Figura 21- Alunos jogando um contra um (Fonte:Próprio autor)



Figura 22- Grupos de quatro alunos formados (Fonte: Próprio autor).

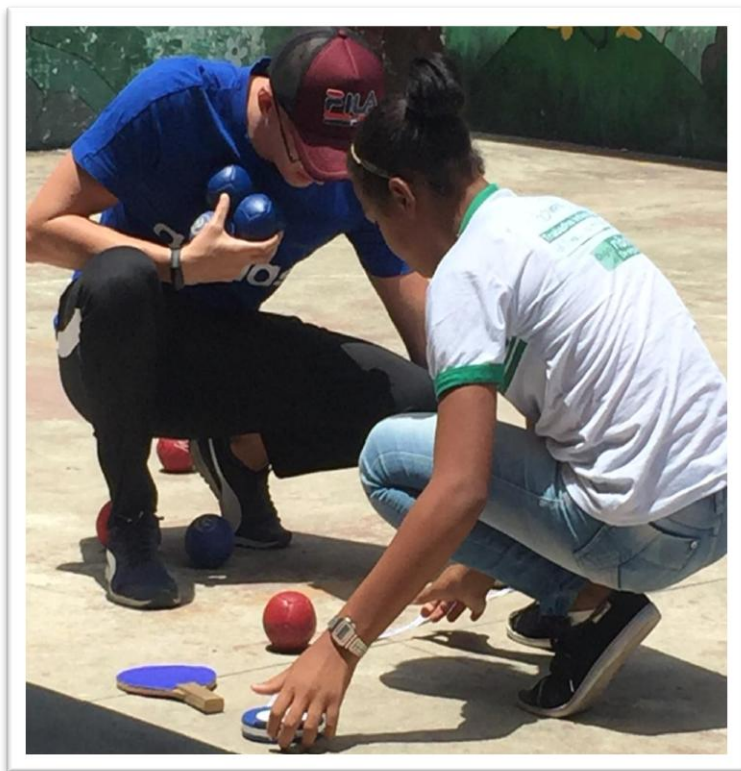
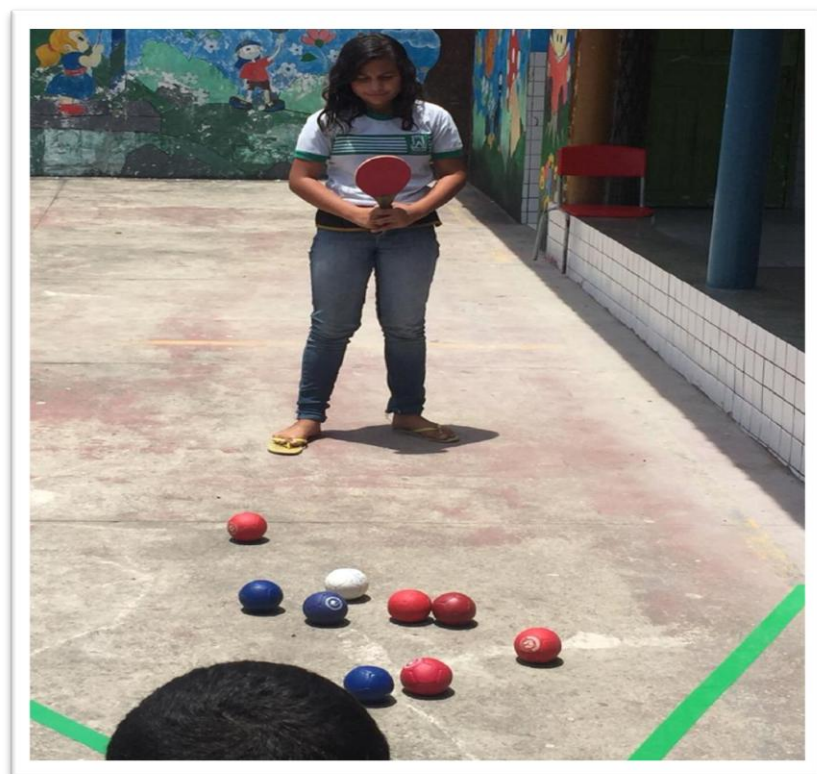


Figura 30- Aluna fazendo medição da distância da bola com auxílio do professor- estagiário (Fonte: Próprio autor).



A animação dos alunos não estava apenas nos que estavam à jogar, a arbitragem também era bem disputada por eles.

Figura 31- Aluna arbitrando (Fonte: Próprio autor).



Recursos
didáticos

Figura 32 – Equipamentos utilizados (Fonte: Dados do estudo).



A aula e o estágio foram finalizados dessa maneira, com muita animação. Sendo implícito o que as vivências novas deixaram como fruto para cada pessoa envolvida.

Figura 33- Final da aula (Fonte: Dados do estudo).

A desenvoltura do professor convidado juntamente com a prática realizada por ele foram os dois principais pontos que fizeram a aula ser um sucesso, dessa maneira atingido todos os objetivos planejados.

Tendo em vista o ocorrido é fundamental ressaltar a importância da prática vivenciada nessa aula 5, essa que segundo a BNCC (2017), é capaz de propiciar aqueles que a realizam o acesso a experiências e conhecimentos dos quais não teria de outra forma, gerando assim, um tipo de conhecimento muito particular e insubstituível.

Diante do que foi realizado na aula aqui relatada foram esclarecidas várias questões em relação a bocha paralímpica e deficiência, além de que os alunos puderam experimentar um novo esporte, e um novo conhecimento intelectual e motor, que dificilmente teriam vivenciado em outras situações ou lugares, mas tudo isso só foi possível através da intermediação do professor convidado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se embasa na premissa de que o Esporte Paralímpico deve ser trabalhado no ensino básico independente de haver ou não pessoas com algum tipo de deficiência nas turmas, instilando conhecimento e respeito às diferenças. A exclusão sempre vai existir, mas dentro das possibilidades que nos são dadas dentro de um processo de formação, que sejamos proativos dentro das limitações encontradas para assim nos tornarmos agentes que combatem essas exclusões com inclusão.

Diante da experiência do estágio IV foi possível propor uma ação de intervenção pedagógica de modo a incluir essa ideia no uso do Esporte Paralímpico como expansão do conteúdo Esportes.

Durante a vivência do estágio procuramos atividades diversificadas, que contemplassem a aproximação dos alunos com as limitações e possibilidades das pessoas com algum tipo de deficiência, em vivenciar certos tipos básicos de movimentos, de forma experimentarem com seu próprio corpo as dificuldades encontradas por outras pessoas, com objetivo de gerar mais sensibilidade a inclusão.

No trabalho aqui apresentado foram abordadas questões que apontaram a visão dos alunos em relação as pessoas com algum tipo de deficiência, além da importância de um bom

planejamento e uso de artifícios áudio-visuais como ferramenta metodológica. Dessa maneira vindo à investigar as reações dos alunos através das ações (como por exemplo suas falas), quando expostos a várias situações e vivências tendo como foco o Esporte Paralímpico.

O objetivo do trabalho foi o de descrever a vivência com ensino de esportes paralímpicos, de forma a apresentar possibilidades pedagógicas aos professores de Educação Física escolar, destacando as potencialidades e fragilidades da experiência.

Desta forma temos como potencialidades:

- O uso do esporte em sua manifestação educativa fazendo os alunos observarem novos contextos do que foi abordado nas aulas para além da escola;
- O uso de artifícios áudio-visuais como recursos metodológicos a exemplo de fotos e vídeos, tendo em vista a atenção que conseguiram dos estudantes, além de passar as informações de forma simples e eficaz;
- O mapa mental como forma avaliativa por causa da simplicidade que se consegue observar se os conteúdos foram assimilados pelos alunos através da construção do mesmo pelos próprios estudantes;
- O convite de atletas e de pessoas que trabalham com a deficiência, sendo interessante, pois falam de si mesmo dentro do esporte e no seus cotidianos, faticitando o entendimento do que é transmitido ao expor os alunos a realidade.

Suas fragilidades são:

- O encaminhamento de atividades para casa tendo em vista da não realização ou má realização por boa parte da turma;
- O uso de materiais como sacolas plásticas e bolas de assopro na construção de objetos esportivos observando-se a fragilidade que esses instrumentos tem, e a capacidade de distração dos alunos que é enorme;
- A realização das partes práticas das aulas no campo da escola por causa da alta temperatura da areia que atrapalhou o desenvolvimento das aulas devido alguns alunos queimarem os pés.

O seguinte relato encontrou barreiras no caminho que estabeleceram seus limites, tendo como um dos principais o tempo de execução que não foi o suficiente para o trato de mais modalidades esportivas, além de não possibilitar a produção de materiais como infográficos ou trabalhos mais elaborados que proporcionariam uma melhor análise de dados.

Os resultados de uma maneira geral foram satisfatórios mas não os esperados devido a falta de tempo para a concretização de tudo que estava planejado. Mas através do que aqui foi exposto fica aberto possibilidades para novos estudos à exemplo de pesquisas para se diagnosticar se os Esportes Paralímpicos são trabalhados por outros professores na rede municipal de ensino, tendo em vista todos os benefícios que esse conteúdo proporciona para os alunos, para o professor e para a escola como um todo.

Durante as aulas do estágio supervisionado IV, promoveu-se a ampliação do repertório esportivo dos alunos, fazendo-os conhecer esportes antes desconhecidos por eles, além de utilizar de atividades teórico-práticas e aplicação de métodos que facilitaram a compreensão dos alunos acerca dos esportes paralímpicos.

Foi de tamanha importância pessoal trabalhar, pesquisar e relatar sobre o Esporte Paralímpico, assunto esse tão rico de valores, principalmente quando observado a reação dos alunos com o que estava sendo proposto, a expressão de quem está a descobrir um novo contexto, uma nova visão de mundo através do olhar das pessoas com deficiência e do esporte paralímpico.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, J. **Turned in tax payers:** paraplegia, rehabilitation and sport at Stoke Mandeville, 1944-56. *Journal of contemporary history*. v.38 (3), p.461-75 2003. Apud BAILEY, S. *Athlete first: a history of the paralympic movement*. England:2008.
- ARAÚJO, P. F. de. **Desporto Adaptado no Brasil**. São Paulo: Phorte, 2011.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.
- BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. **A educação física escolar especial, a inclusiva e as paraolimpíadas**. Brasília: Câmara dos deputados, Brasília, 2011. Edições Câmara. ISBN 978-85-736-5826-2
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília, DF, 2017.
- BRITAIN, I. **The Paralympic Games explained**. London; New York, N. Y.: Routledge, 2010.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 2012. ISBN 978-85-249-1541-3
- CONDE, A. J. M.; SOUZA SOBRINHO, P. A.; SENATORE, V. **Introdução ao Movimento Paraolímpico: manual de orientação para os professores de educação física**. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro. 2006. 74 p.
- CONFED- Conselho Federal de Educação Física. **Recomendações Para a Educação Física Escolar**. Rio de Janeiro, 2014. ISBN 978-85-61892-05-0
- DARIDO, Suraya. SOUZA, Osmar. **Para ensinar Educação Física: Possibilidades de intervenção na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2013. ISBN 978-85-308-0843-3
- FERNANDES, Flávia de Camargo et al. **O esporte para pessoa com deficiência física: da iniciação esportiva à prática regular**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, 2019.
- GREGUOL, Márcia. COSTA, Roberto. **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. Barueri, SP: Manole, 2013. ISBN 978-85-204-3693-6
- IPC – INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **IPC>History of Sports**. Disponível em: <http://www.paralympic.org/IPC/History_of_Sports.html>. Acesso em: 31 out. 2019
- IPC. **Internacional Paralympic Committe**. Disponível em: <<http://www.paralympic.org/>>. Acesso em: 04 nov. 2019

MATA, Áurea Augusta Rodrigues. MACIEIRA, Jeimison de Araújo. **Referencial Curricular de Educação Física do Estado da Paraíba**. João Pessoa, Paraíba. Ano: 2010.

MENDONÇA, Débora. FLAITT, Patricia. **Educação Física Adaptada**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2013. ISBN 978-85-380-3143-7

MIRANDA, Tatiane Jacusiel. **Comitê Paralímpico Brasileiro: 15 anos de história**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, 2011.

SCARPA, Marcus. SCARPA, Elcio. D'AVILA, Xênia. SCARPA, Vera. MICCOLIS, Aldo. MIRANDA, Paulo. LOPES, Anderson. AMADOR, Douglas. MACEDO, Carla. ALVES, Carina. VIDAL, Adriana. BOSCHETTI, Aloar. **Esporte um olhar muito especial**. Instituto Muito Especial, 2008. ISBN: 978-85-60540-03-7

TÚLIO, Marco de Mello. FILHO, Ciro Winckler de Oliveira. **Esporte Paralímpico**. São Paulo. Editora Atheneu, 2012.